

**NOTA SOBRE O LEGADO IMPROVÁVEL DE KANT:
A CRÍTICA COMO MÉTODO PARA PRODUÇÃO DE FILOSOFIAS**

**Note on Kant's unlikely legacy:
*criticism as a method for producing philosophies***

Suze Piza

Universidade Federal do ABC
suze.piza@ufabc.edu.br

Resumo: Trata-se de apresentar a atitude crítica inaugurada por Kant como recurso metodológico para produção de filosofias, tal como ela foi apropriada por filósofos como Michel Foucault e Achille Mbembe que reativaram a crítica para produzir suas filosofias, sem aderir às doutrinas de Kant. Com isto, espera-se expor aspectos do legado de Kant, menos nas atualizações e aplicações das suas teses pelos filósofos contemporâneos do que na inauguração de uma dada relação metodológica com a modernidade que tem como cerne a identificação de um *acontecimento* (*événement*) que nos obriga a interrogar o tempo presente e a nós mesmos.

Palavras-chaves: Kant; crítica; produção de filosofia;

Abstract: This is a presentation of critical attitude that started with Kant's criticism as methodological resource in order to produce Philosophies, just like Michel Foucault and Achille Mbembe did. These philosophers used the Kant's attitude/method to make their philosophies without adhering to his philosophy. Thus, aspects of Kant's legacy will be exposed not as just updates and applications of your theses by contemporary philosophers, but as an inauguration of a certain methodological relationship with modernity that have as its core an identification of an event (*événement*), such an event that forces us to question the present time and ourselves.

Keywords: Kant; critique; producing philosophies.

A crítica é uma forma apaziguada de luta.

Michel Foucault

Depois de terem primeiramente [os tutores] embrutecido seu gado doméstico e terem preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostraram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas.

Immanuel Kant

É conhecida a forte influência que teve o texto de Kant sobre a *Aufklärung* na filosofia de Foucault¹. Olhando hoje para a vasta produção acadêmica sobre a filosofia de ambos é possível defender sem margem de dúvida que as grandes inquietações

¹ Kant, I. *Resposta à Questão: O que é Esclarecimento? Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*

filosóficas de Foucault nasceram em grande parte do contato com este texto, pois os temas e problemas que ele viu apresentados por Kant atravessou de várias e inusitadas formas a sua obra. Foucault leu um texto forte e combativo que convocava para a ousadia do pensamento autônomo, para um inusitado uso público da razão, que enunciava de forma inovadora a sua própria época como interrogadora de seus alzozes e como aquela que deveria se livrar de seus tutores legitimados por saberes nunca criticados, leu um texto que convidava ao governo de si e a uma nova forma de governo dos outros.

O que o filósofo francês leu foi interpretado por ele como um embate aberto contra aqueles que queriam manter os homens na chamada “menoridade” e como uma problematização e um enfrentamento da legitimação simbólica de toda uma rede de ideias que sustentava o jugo a que estavam submetidos os homens daquele tempo. Se Kant tinha de fato essas intenções ou se foi apenas Foucault que assim as interpretou, importa pouco agora, já que foi deste mote que surgiu a tradição que queremos tratar aqui. Uma tradição que surge quando alguém se afeta por um discurso como esse e é tão fortemente tocado pela necessidade de tomada consciência sobre quem são os dominadores do povo, sobre quais são as formas de dominação que regem as sociedades, sobre como se retira a autonomia de muitos e, principalmente, sobre quais os mecanismos que foram criados para que este fato se prolongue sem cessar e com a aceitação da maioria.

Foucault defende que a filosofia crítica de Kant simboliza o corte epistemológico que fundamenta a modernidade. Como *acontecimento* a crítica localiza-se historicamente entre os séculos XVIII e XIX e delinea o solo de onde emergirão regras, critérios, valores que farão com que as palavras se vinculem às coisas de forma distinta da maneira como ocorria até então e ganhem novos sentidos. Apesar da obra *Crítica da razão pura* ser o fato originário onde tal corte pode ser datado, Foucault está tratando de algo mais amplo, a saber: da inauguração de um modo de relação com o tempo presente que segundo ele até então não existia².

Apesar desta leitura da crítica ter sido assimilada na academia filosófica como sendo a maneira como Foucault entendia a *crítica*, ele mesmo defendia que essa era a

² Sobre a ponte essa ponte entre a *Aufklärung* do projeto kantiano e a sua respectiva retomada no projeto foucaultiano do governo de si e dos outros ver em especial as obras de Foucault, *O governo de si e dos outros*, *Qu'est-ce que la critique?*, *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*.

maneira kantiana de interrogar o presente da qual ele, como pensador, apenas fazia parte ou se inseria. Kant teria inaugurado uma forma de interrogar o próprio tempo e a si mesmo como pertencente a este tempo, e a forma desta interrogação consistiria nomeadamente em pôr em questão os saberes e poderes que sustentam a lógica dominante da atualidade e, portanto, a formas de vida moderna, assim como exposto explicitamente no texto da *Aufklärung*, na *Crítica da razão pura* e em outros textos em que Kant tratará da tarefa da crítica ou da época moderna.

Nas palavras de Kant,

De vez em quando, ouvem-se queixas acerca da superficialidade do modo de pensar da nossa época e sobre a decadência da ciência rigorosa. Pois eu não vejo que as ciências, cujo fundamento está bem assente, como a matemática, a física, etc., mereçam, no mínimo que seja, uma censura. Pelo contrário, mantêm a antiga reputação de bem fundamentadas e ultrapassam-na mesmo nos últimos tempos. Esse mesmo espírito mostrar-se-ia também eficaz nas demais espécies de conhecimentos, se houvesse o cuidado prévio de retificar os princípios dessas ciências. À falta desta retificação, a indiferença, a dúvida e, finalmente, a crítica severa são outras provas de um modo de pensar rigoroso. **A nossa época é a época da crítica, à qual tudo tem que submeter-se. A religião, pela sua santidade e a legislação, pela sua majestade, querem igualmente subtrair-se a ela.** Mas então suscitam contra elas justificadas suspeitas e não podem aspirar ao sincero respeito, que a razão só concede a quem pode sustentar o seu livre e público exame (*KrV* A XII, nota, grifo meu).

O que Kant chama de *época da crítica*, é mais que um período histórico. Segundo Foucault, a referência é a uma nova forma de vida que tem como imanente a necessidade de interrogar a si mesma. Em termos foucaultianos isso foi traduzido posteriormente e parcialmente como o método arqueológico-genealógico, pois sua filosofia consistiu em uma espécie de semântica transcendental-histórica³ que objetivava interrogar as racionalidades (como campos determinados de saber-poder) que insistem em dominar e exercer poderes sobre as subjetividades ao longo da história; a tarefa da crítica seria um instrumento poderoso para ir contra a usurpação e os abusos dessas razões instituídas (pedagógicas, jurídicas, médicas...).

No geral, nos círculos kantianos, quando se descreve o procedimento crítico se restringindo a letra de Kant, as conclusões não são as mesmas. Há ainda um certo

³ Desenvolvo essa tese no texto *A filosofia de Foucault como semântica transcendental-histórica*.

estranhamento em relação à leitura feita pelo filósofo francês que se resolve no geral afirmando: isso é Foucault, não é Kant. No entanto, a aporia não é tão simples de se resolver. Há um legado certamente improvável oriundo da filosofia de Kant que se observado com atenção nos mostra algumas coisas importantes sobre o fazer filosófico que entendo vale chamar a atenção, principalmente, pelo fato da própria atitude *crítica* estar vinculada a um questionamento sobre o ato de filosofar.

Foucault passou parte significativa da sua vida demarcando e descrevendo campos de saber-poder e mostrando as condições de possibilidade históricas de discursos pretensamente objetivos e com isso explicitou a fonte de muitas das verdades que forjam as subjetividades até hoje. Desta forma, repetidas vezes, fez uma análise arque-genealógica das formações discursivas em diversos campos do saber-poder e, usou como afirma no *Nascimento da clínica*, a crítica como *procedimento* para determinar as condições de possibilidade da experiência:

Nas suas palavras:

A pesquisa aqui empreendida implica, portanto, o projeto deliberado de ser ao mesmo tempo histórica e crítica, na medida em que se trata, fora de qualquer intenção prescritiva, de determinar as condições de possibilidade da experiência médica tal como a época moderna a conheceu (...) trata-se de um estudo que tenta extrair da espessura do discurso as condições de sua história (...) o que conta nas coisas ditas pelos homens não é tanto o que teriam pensado aquém ou além delas, mas o que desde o princípio as sistematiza... (Foucault, 2004, p. XVI).

Independente das distinções entre as filosofias de Kant e Foucault e mesmo dos sentidos da *crítica* nas teorias de um e outro, mesmo que ambos ao perguntar pelas condições, limite e extensão do que é dito (juízos ou enunciados) perguntem por coisas distintas, pois há uma diferença dos conceitos de *condição* e *limite-extensão*, mesmo que Kant comportadamente queira estabelecer os limites para colocar freios na razão e Foucault pareça querer justamente o contrário: mostrar o quão frágeis são os limites impostos pelas racionalidades e, evidenciar quão fácil é transgredi-los⁴, mesmo que um procure condições formais, transcendentais ou lógicas e outro procure condições históricas ou até transcendentais-históricas, ainda que a experiência possível de um não seja a experiência histórica do outro, ambos inegavelmente usam a força da crítica para

⁴ Tornando, inclusive a própria *transgressão* um dos recursos epistêmicos mais fortes de sua caixa de ferramentas para produção de pensamento filosófico.

desmascarar as pretensões incabíveis e os abusos da razão e fazem valer sua capacidade de interrogação para entender seu tempo.

O que almejamos indicar neste ensaio é que a força da crítica está na sua capacidade de produzir pensamento filosófico de uma dada maneira e isso independe dos conteúdos kantianos ou da visão de mundo de Kant, a atitude não está comprometida com a doutrina. Contudo, o legado da *crítica* é o legado de Kant. A *crítica* como método de produção de filosofia submete quaisquer discursos vigentes e portadores de verdade, mesmo quando o intuito não seja estabelecer critérios de verdade ou falsidade ou ainda ditar normativamente quais discursos sejam adequados a um dado saber, até mesmo quando o intuito seja justamente o contrário, ainda assim, ao submeter tais discursos e examiná-los o processo de sua recusa e possível desqualificação, a indicação em cada discurso daquilo que ele tem de usurpador que aprisiona, impeça o progresso, ou qualquer tipo de evolução para uma vida comunitária mais digna, depura e cumpre uma tarefa filosófica fundamental.

Foucault defende que a crítica é uma forma apaziguada de luta, pois ao submeter os discursos a um exame público, ela evidencia suas condições de possibilidade e mostra seus limites, o que possibilita emancipação. Com este ensaio quero apresentar sucintamente um legado improvável da *crítica* de Kant, caso que só é possível avaliar se tomamos o exercício crítico em sua radicalidade: o filósofo camaronês, Achille Mbembe que aceitou a convocação de interrogar o presente e decidiu examinar a lógica da *raça* na construção da modernidade e empreender uma crítica da razão negra, esse legado passa também pela filosofia de Foucault.

Forçando a barra? O papel político da *crítica*

O que Kant vê e descreve como parte da *Aufklärung*, Foucault identifica com o próprio cerne da *crítica*, pelo menos em uma de suas vertentes, aquela que não se identifica com a analítica da verdade. Sem entrar nos pormenores desta identificação feita pelo próprio filósofo e pelas “duas tradições” críticas que se inaugurariam com Kant, apenas para compreender o sentido da leitura que Foucault faz e onde ele se enquadra:

Kant me parece ter fundado as duas grandes tradições críticas entre as quais está dividida a filosofia moderna. Diríamos que em sua grande

obra crítica, Kant colocou, fundou esta tradição da filosofia que coloca a questão das condições sobre as quais um conhecimento verdadeiro é possível e, a partir daí, toda uma parte da filosofia moderna desde o séc. XIX se apresentou, se desenvolveu como uma analítica da verdade. Mas existe na filosofia moderna e contemporânea um outro tipo de questão, um outro modo de interrogação crítica: é esta que se viu nascer justamente na questão da *Aufklärung* ou no texto sobre a revolução; ‘O que é nossa atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis?’. Não se trata de uma analítica da verdade, consistiria em algo que se poderia chamar de analítica do presente, uma ontologia de nós mesmos e, me parece que a escolha filosófica na qual nos encontramos confrontados atualmente é a seguinte: pode-se optar por uma filosofia crítica que se apresenta como uma filosofia analítica da verdade em geral, **ou bem se pode optar por um pensamento crítico que toma a forma de uma ontologia de nós mesmos, de uma ontologia da atualidade**, é esta forma de filosofia que de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber, fundou uma forma de reflexão na qual tenho tentado trabalhar (Foucault, 1994, p. 688, grifo meu).

Submeter os saberes-poderes ao exame público em uma articulação à pergunta pela nossa atualidade (uma ontologia do presente) é o que definiria a tarefa da crítica. Em 1978 Foucault dá uma conferência à Sociedade Francesa de Filosofia com o título *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*⁵ e elenca justamente alguns dos problemas que o ocupam como filósofo. O solo da reflexão será a filosofia de Kant, mais uma vez. Partindo da pergunta respondida por Kant sobre a *Aufklärung* apresenta a primeira parte da conferência com observações em torno da filosofia de Kant e o tema da governamentalização.

Foucault busca incessantemente marcar as diferenças e de alguma forma ver até onde se pode multiplicar, dividir, remarcar uns em relação aos outros os temas, deslocar as formas de análises desse problema da *Aufklärung*, que é talvez, apesar de tudo, o grande problema da Filosofia moderna. Isso se faz em um engajamento de certa prática histórico-filosófica, que não tem nada a ver com a Filosofia da história e a história da Filosofia, uma prática que indicaria a arte de não ser governado de determinadas maneiras, ou uma forma cultural geral, ao mesmo tempo atitude moral e política, maneira de pensar etc. que levaria a esta arte de não ser de tal forma governado.

Deve-se atentar para *Aufklärung* no sentido amplo do termo ao qual se referia Kant, Weber etc. Um período sem datação fixa, com múltiplas entradas já que se pode

⁵ Bulletin de la Société française de philosophie.

defini-lo tanto quanto pela formação do capitalismo, a constituição do mundo burguês, a localização dos sistemas estatais, a fundação da ciência moderna (com todos os seus correlativos técnicos) assim como a organização de cara a cara entre a arte de ser governado e aquela de não ser governado de tal modo. Um processo de *saída*, como diria Kant: *um acontecimento*.

Apesar de não ter uma datação fixa, Foucault defende que a *Aufklärung* está na mesma trajetória iniciada pela *Crítica da razão pura* (o que leva a possibilidade de datação histórica de um *éthos* crítico). Não é possível chegar a nenhum tipo de autonomia, não há como colocar em questão a governamentalização, o governo de si e dos outros, sem antes promover uma volta sobre o próprio ato de filosofar, pois é disso que se trata no fim das contas o exercício crítico e isso foi sistematizado com a primeira *Crítica* de Kant. Afirmações desta natureza são facilmente objeto de fortes objeções em alguns círculos, pois dependem da aceitação da maneira peculiar que Foucault leu o legado kantiano, mas se sairmos do mundo compartimentado da Filosofia (acadêmica) é possível compreender essas articulações metodológicas e suas potências para a produção de um dado tipo de pensamento.

O legado kantiano, sua força crítica, ganha muito quando é percebido como recurso epistêmico atrelado a um contexto histórico, porém descompromissado com doutrinas. Parece que Foucault se vê como parte deste legado justamente por ter se permitido entrar em uma espécie de relação de ensino-aprendizagem que possibilitou fazer sua crítica da razão política ou da razão de Estado e a outros, como Mbembe, empreender outras críticas (como veremos mais adiante) sem ser kantiano no sentido estrito do termo o que significaria em larga medida aceitar suas teses sobre o homem, a sociedade, a moral, o direito, etc...

Nos dois casos, crítica da razão de Estado e crítica da razão negra há um forte componente político, não digo isso apenas por conta dos temas, mas pelo fato da leitura de Foucault permitir que percebamos no próprio procedimento crítico um caráter eminentemente político e de emancipação: forma apaziguada de luta. A pergunta que fica é se essa interpretação do caráter político da *crítica* se sustenta de alguma forma na filosofia de Kant?

É sabido que Kant de fato na *Crítica da razão pura* usa o campo metafórico do poder e da política para tratar da atitude crítica e, sabemos que o uso das metáforas na

Filosofia nunca é sem razão⁶. No Prefácio à 1ª edição da *Crítica da razão pura* quando Kant empreende o início de seu exame da razão e afirma que ela até aquele momento se apoiava em erros, pois, ultrapassava os *limites* da experiência servindo-se de princípios metafísicos, afirma que a metafísica foi durante muito tempo *a rainha* de todas as ciências e, naquele momento, era apenas uma dama nobre repudiada e desamparada.

Nas palavras de Kant,

Inicialmente, sob a hegemonia dos *dogmáticos*, o seu poder era *despótico*. Porém, como a legislação ainda trazia consigo o vestígio da antiga barbárie, pouco a pouco, devido a guerras intestinais, caiu essa metafísica em completa *anarquia* e os *cépticos*, espécie de nômades que tem repugnância em se estabelecer definitivamente em uma terra, rompiam, de tempo a tempos, a ordem social. Como, felizmente, eram poucos numerosos, não puderam impedir que os seus adversários, os dogmáticos, embora sem concordarem num plano prévio, tentassem repetidamente restaurar a ordem destruída. Nos tempos modernos houve um momento em que parecia irem terminar todas essas disputas, graças a uma certa *fisiologia* do entendimento humano (a do célebre Locke) e a ser decidida inteiramente a legitimidade dessas pretensões (*KrV A X*).

Para Kant a tarefa mais difícil será justamente a da razão conhecer a si mesma e criar um tribunal que possa assegurar se aquilo que considerar conhecido é legítimo e condenar o que for ilegítimo, tudo em nome de leis, tal tribunal é a própria *Crítica*. O contexto metafórico jurídico-político tão recorrente na *Crítica da razão pura* nos mostra a razão julgando e sendo julgada pelos seus usos e abusos de poder.

A *Crítica* tem um papel eminentemente jurídico-político, já que ela pode cortar o materialismo, o fatalismo, o ateísmo, a incredulidade, o fanatismo, a superstição, segundo Kant:

Quando os governos acham por bem ocupar-se dos assuntos eruditos, muito mais conforme seria com a sua sábia providência, tanto em relação à ciência como aos homens, que fomentassem à liberdade dessa crítica, a única que permite assentar em base segura os trabalhos da razão, em vez de apoiar o ridículo despotismo das escolas, que levantam grande alarido sobre o perigo público, quando se rasgam suas teias de aranha, das quais o público nunca teve notícia e de cuja perda, portanto, nunca sentirá falta (*KrV B XXXV*, grifo meu).

⁶ Ver a bela obra de Leonel Ribeiro dos Santos, *As metáforas da razão*.

Poucos períodos da história foram tão complexos – política, social e intelectualmente para a Europa – quanto esse que nasceu a *Crítica*. Nesse trecho, acima indicado e extraído do prefácio à 2ª edição da *Crítica da razão pura*, Kant situa politicamente a crítica, fala dos governos que deveriam se ocupar de fomentar essa crítica e indica os benefícios sociais desse tipo de atitude mesmo para um povo que não tinha acesso a ela, pois esta nunca tinha sido acessível a todos.

O filósofo crítico, cada um em seu tempo, teria que colocar freio em quem quer que ultrapassasse os limites e que governasse sem razão: a Metafísica na época de Kant e a Antropologia na época de Foucault (pelo menos assim pensava Foucault). A tarefa que Foucault toma para si é análoga a de Kant: *realizar o dever da Filosofia que é dissipar a ilusão proveniente de um mal-entendido, mesmo com risco de destruir uma quimera tão amada e enaltecida (KrV A XIII)*.

A atitude crítica se opõe à toda ilusão da razão, a crítica cumpre uma função negativa de ser um contrapoder permanente e essa é uma função eminentemente política, epistêmico-política. Neste sentido, a própria filosofia não apenas vigia as práticas efetivas do poder, mas, sobretudo ao perguntar pela sua fonte, pelo seu limite e pela sua extensão desmonta seus mecanismos, seus componentes, seus dispositivos e desvela a economia interna à qual obedecem.

Foucault vai fortalecendo a partir dessas passagens, e de outras do texto kantiano, em vários dos seus ditos e escritos o vínculo entre a *crítica* e a arte de não ser governado na medida em que insiste que o espírito da *Aufklärung* é o “*não querer ser governado*”, e isso implica em poder não aceitar como verdade o que uma autoridade diz ser verdadeiro, ou ao menos não aceitar o que quer que seja sem ter subsídios para julgamentos autônomos, uma capacidade própria de avaliação que permita elencar boas razões para não obedecer ou até para obedecer. É assim que a crítica assume seu ponto de ancoragem no problema da certeza em face da autoridade, é assim que se cruzam verdade e política.

Foucault (1990) afirma que a Bíblia, o direito, a ciência; a escritura, a natureza, a relação a si; o magistério, a lei, a autoridade do dogmatismo, todos esses discursos estão no jogo: o jogo da governamentalização e da crítica, uma em relação à outra deram lugar a fenômenos que são, segundo o filósofo, capitais na história da cultura ocidental. O foco da crítica seria essencialmente o feixe de relações que amarra um ao outro, ou

um a dois outros, o poder, a verdade e o sujeito. É quando conseguimos puxar o fio da trama que os sustenta que fazemos a ontologia do presente e podemos nos libertar.

A crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade (Foucault, 1990).

Kant definiu com clareza essa correlação entre uma autoridade que exerce poder mantendo a humanidade em um estado de “menoridade”, uma autoridade fundada em poderes infundados, excesso de autoridade, portanto e, de outra parte, algo que ele considera uma preguiça ou falta de decisão ou coragem, mas que no detalhe contemporaneamente sabemos que faz parte do próprio processo de internalização do poder que só se sustenta com uma rede de legitimação simbólica usada tanto pelo dominador quanto pelo dominado.

O problema da *crítica*, portanto, já tem conotação política em Kant na forma do tratamento das relações entre poder e conhecimento, e permanecerá em Foucault, mesmo que Foucault reconheça que há uma diferença ou

oposição que haveria em Kant entre a análise da *Aufklärung* e o projeto crítico. Isso seria, eu creio, fácil de mostrar que, para Kant, essa verdadeira coragem de saber que foi invocada pela *Aufklärung*, esta mesma coragem de saber consiste em reconhecer os limites do conhecimento; e seria fácil mostrar que para ele a autonomia está longe de ser oposta à obediência aos soberanos. **Mas disso não fica menos que Kant fixou para a crítica em seu empreendimento de desassujeitamento em relação ao jogo do poder e da verdade, como tarefa primordial, como prolegômeno a toda *Aufklärung* presente e futura, de conhecer o conhecimento** (1990, pp. 35-66).

Ou seja, mesmo que para Kant autonomia e liberdade não signifique não obedecer aos soberanos, a forma de colocação do problema entre verdade e política, tal como é enunciada nos termos kantianos, é suficiente para Foucault e será suficiente também para outras *críticas*. A trama dos discursos modernos que forjaram nossa forma de vida e historicamente se constituiu em um grande processo de governamentalização da sociedade a partir do século XVIII se deu de muitas formas e parte delas sequer tinha se consolidado ainda nos tempos de Kant, saber como exatamente e por quais

mecanismos toda a sociedade ocidental se construiu é pergunta e tarefa *crítica* que só um filósofo contemporâneo poderia responder, mas a forma da posição da pergunta pode ser a mesma da Kant.

Crítica da razão negra: dissipar a ilusão continua sendo tarefa da filosofia

Na conferência *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung* Foucault pergunta lembrando Kant: *você sabe bem até onde pode saber?* Raciocina tanto quanto querias, mas você sabe bem até onde pode raciocinar sem perigo? O mesmo perigo aparece na aula ministrada por Foucault nos anos 70 *A Ordem do discurso*, onde anuncia: há perigo no discurso. Toda atitude *crítica* exige identificar qual (ou quais) é o discurso perigoso em cada tempo e quão perigosos são determinados discursos. Foucault insiste sobre este aspecto histórico da crítica e não é à toa que tomou para si a tarefa de lutar contra o que ele considerava o discurso-poder de seu tempo: o sono antropológico e seus devaneios.

O processo parece ser contínuo, Foucault alerta em *As Palavras e as coisas* que Kant nos livrou do sono metafísico e seus devaneios, enquanto ele, Foucault, quer livrar-nos do sono antropológico e suas fantasias. Mas, nos entremeios destes discursos, e atravessando a história do século XIX até nossos dias, outros discursos, ou até parte destes discursos anteriores nunca foram criticados, parece que nunca fomos acordados de alguns pesadelos mais profundos. Tal história inconfessada oferece muitos elementos para a continuação do empreendimento crítico.

Foucault chama a atenção para o fato de o exame da razão ser amplo e se inserir a todo o momento nessa proposta ou nessa atitude que não se restringe à um exame das ciências ocidentais, mas também das relações sociais, das organizações estatais e suas artes, das práticas econômicas e seus dispositivos e até o comportamento dos indivíduos no Ocidente. Em suma, defende que o movimento que empurrou a atitude da *Aufklärung* para a questão da crítica ou ainda o movimento que fez revigorar o empreendimento da *Aufklärung* no projeto crítico (que era de fazer com que o conhecimento pudesse fazer de si próprio uma justa ideia) é esse movimento de gangorra que cada hora permite ver algo não visto antes. E lança a pergunta se não seria preciso tentar fazer agora o caminho inverso de colocar a crítica para percorrer esta via, mas num outro sentido. A pergunta posta por Foucault é como nasce, como se forma

essa racionalidade, e o principal, o “inverso do problema da *Aufklärung*”, o que faz com que a racionalização conduza ao furor do poder? Essa é a convocação de Foucault.

A crítica enuncia uma forma própria de relação com a modernidade, essa é a tese fundamental que recebemos desta tradição agora no século XXI. Partamos desta afirmação e das provocações feitas tanto por Kant, quanto por Foucault para entender a novidade teórica produzida pelo filósofo camaronês Achille Mbembe com sua *crítica da razão negra*. As obras de Mbembe se tornaram bastante conhecidas nos últimos anos entre os intelectuais das ciências humanas, seu conceito de *necropolítica*, para citar apenas um exemplo, tem sido cada vez mais usado como chave de interpretação para compreender as formas da gestão da vida e da morte pelos Estados contemporâneos, principalmente neste momento em que vivemos um dos maiores desafios já enfrentados pela humanidade em nossa história recente: a pandemia do novo coronavírus gerida por uma racionalidade instrumental, genocídio permitido e projetos de suicídio coletivo.

No entanto, o pensador africano ainda é pouco conhecido nos meios estritamente acadêmicos da filosofia no Brasil, sobretudo, nos círculos que não tratam especificamente do pensamento ético-político, falta, deste modo, o reconhecimento deste empreendimento particularmente nos círculos kantianos e, em especial, entre aqueles que se dedicam a pensar *método* ou a própria *crítica*, ou seja, quem pensa do ponto de vista da produção de conhecimento.

A obra de Mbembe já é um clássico apesar de ter sido escrita em 2013 e merece ser conhecida por estudiosos da filosofia de Kant, aqueles que porventura não tenham tido contato com a obra certamente perceberão o resultado desta produção filosófica como uma contribuição teórica de peso. A *crítica* do discurso mais poderoso da modernidade europeia, do discurso definidor e formador por excelência da nossa sociedade brasileira, a saber, do discurso que articula as categorias de Negro e Raça com todas as suas implicações foi feita. Sem que esse reconhecimento teórico ocorra, continuará sendo comum ouvir que o título da obra, *Crítica da razão negra*, seja interpretado apenas como paródia ou bravata, referência metafórica à *crítica* empreendida por Kant ou mesmo por Foucault. Não é o caso.

Se há um discurso que merecia o esforço do empreendimento crítico, por cumprir todos os requisitos que elencamos anteriormente e por ser uma representação máxima do que é a modernidade, é o discurso racial. Esta presença espectral do *sentido*

do Negro no mundo moderno com todas as suas implicações só pode ser compreendida no contexto da *crítica* da raça e, por mais incrível que isso possa parecer, isso nunca tinha sido realizado. Mbembe reivindica o pensamento crítico para si já na primeira página do livro, o filósofo se propõe a fazer uma *Crítica da razão negra* que é o que possibilitará avaliar o campo semântico-histórico europeu onde Negro e Raça foram identificados ao longo da modernidade. Mas, não pensemos nesta *crítica* como um exercício regional, local, parcial em oposição à universalidade do que Kant propôs ou fez; pelo contrário, a *crítica* da razão negra revelará a própria fonte da noção de Homem (quarta questão kantiana), pois tal identificação entre Negro e Homem forjou, segundo o filósofo, a própria noção de Homem, de humanidade, e todas as outras concepções metafísico-antropológicas que derivavam delas: a crítica revelará uma espécie de subsolo inconfessado onde se construiu todo o projeto de conhecimento moderno com todas as suas já conhecidas consequências políticas. Segundo Mbembe,

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele, ou de cor, outorgando a pele e a cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos, em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma mesma e única figura e da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas (2014, p. 11).

Mas o que entende Mbembe por *razão negra* e de que forma podemos sustentar que é na continuidade do projeto crítico que este autor se inscreve? Primeiramente, *razão negra* é um conjunto de:

imagens do saber; um modelo de exploração e depredação; um paradigma da submissão e das modalidades da sua superação, e, por fim, um complexo psiconírico. Esta espécie de enorme jaula, na verdade uma complexa rede de desdobramentos, de incertezas e de equívocos que tem a raça como enquadramento (2014, p. 25).

O racismo e a raça são difíceis de serem ditos, pois a linguagem que os comporta é inadequada, confusa, é um todo de afirmações sem fundamento, é uma forma de “representação primária”, uma linguagem que remete aos “simulacros da superfície”, a raça será um “complexo perverso” que gera “medos e problemas do pensamento”.

(2014, p. 25). É uma “categoria” sem referencial, pois não existe como fato natural ou físico, ela é uma *ficção útil* que só tem sentido em uma racionalidade que tem, sem direito algum, uma certa autonomia e se move no real caprichosamente (sem nenhum vínculo com a experiência concreta dos homens) mas, determina suas existências mantendo-os em estado de extrema subalternidade e submissão levando-os a condição de coisa, criando para sociedades inteiras uma distinção ontológica baseada em uma quimera. Qualquer exame mais preciso sobre as condições de possibilidade desses ditos sobre a raça e sobre o Negro mostrariam que eles não passam juízos vazios, impossíveis.

A razão negra é o conjunto de discursos criados indiscriminadamente sobre o Negro e a raça:

Enquanto objectos de discurso e objectos do conhecimento, a África e o Negro têm, desde o início da época moderna, mergulhado, numa crise aguda, quer a teoria do nome quer o estatuto e a função do signo e da representação. Aconteceu o mesmo com as relações entre o ser e a aparência, a verdade e o falso, a razão e a desrazão, e até a linguagem e a vida. De facto, sempre que a problemática passa por Negros e África, **a razão, arruinada e esvaziada, não consegue deixar de andar às voltas sobre si mesma e, muitas vezes, perde-se num espaço aparentemente inacessível, no qual, aniquilada a linguagem, as próprias palavras deixaram de ter memória.** Com a extinção das suas funções comuns, a linguagem transformou-se numa fabulosa máquina cuja força vem simultaneamente da sua vulgaridade, de um incrível poder de violação e da sua indefinida proliferação (Mbembe, 2014, p. 30).

A *razão negra* precisava ser criticada pois remete diretamente à nossa capacidade racional de criar ilusões das mais perversas, várias versões de um mesmo enredo, de uma mesma configuração que foi produzida ao longo de séculos, de quem pôde formular o que quer que fosse sem freios, nem necessidade de correspondência alguma com a experiência e teve plateia cativa que os ouvisse, referendasse, reproduzisse e ensinasse. Tais discursos passaram muito tempo longe das suspeitas, pois tinha o senso comum ao seu lado. Mesmo assim, historicamente e em larga medida essa *razão negra* é indissociável de nossa modernidade e daquilo que somos. O que se retira de ditos e de escritos desta “verdade moderna”, Mbembe afirma é “alguma coisa que está de facto em causa neste nome, associada antes de mais ao que nós chamamos o

“homem”, na sua relação com o animal, e a razão, na sua relação com o instinto” (2014, p. 63).

A razão negra

remete para o conjunto das **deliberações acerca da distinção** entre o instinto animal e a *ratio* do homem - sendo o Negro o testemunho vivo da própria impossibilidade desta separação. Pois, se formos fiéis a uma certa tradição da metafísica ocidental, o Negro é um «homem» que nem é verdadeiramente um entre nós nem é como nós. Se o homem se opõe à animalidade, este não é o seu caso, pois conserva, ainda que de modo ambíguo, a possibilidade animal. Corpo estrangeiro no nosso mundo, é habitado, ocultamente, pelo animal (Mbembe, 2014, p. 63).

Como já dizia Kant quando alertava sobre a necessidade de criticar a metafísica e a chamada para retomar as próprias condições de possibilidade do conhecimento como um todo, debater a *razão negra* é, do mesmo modo, retomar o conjunto de disputas acerca das regras de definição de categorias fundantes do nosso discurso moderno. O uso do procedimento *crítico* permitiu a Mbembe perceber que um dos pilares que sustenta a construção dos discursos raciais e racistas articulados com a categoria de Negro se funda em uma ilusão da razão, a de conceber a identidade como prévia, como ponto de partida e não como construção. O discurso racial

sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-presença) a um mesmo mundo, mas antes na relação **do mesmo ao mesmo**, de surgimento do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho (Mbembe, 2014, p. 10).

Essa lógica pré-crítica não permite que se conceba, por exemplo, uma identidade relacional ou mesmo uma oposição real ou uma negação substantiva: negro – branco. O Negro na lógica racista é concebido como Não-Branco, como negação adjetivada, como falta, como ausência, como imperfeição, como não-ser.

Criado à imagem e semelhança do “mesmo” e de uma noção de identidade sem correspondência na experiência concreta dos homens (pelo menos antes do discurso ter ganhado força nas sociedades) o Negro, como categoria, é uma *ficção*, um conjunto de fabulações elaboradas no seio do capitalismo mercantil e na implantação dos sistemas de *plantation*. A criação da categoria “Negro”, à qual logo se vincularia toda e qualquer

noção de “raça”, teria por finalidade estabelecer uma diferença ontológica entre o europeu branco e esse “outro” do qual não se sabia muita coisa, mas que era passível de tudo que não fosse humano, histórico, cultural e moderno, por conseguinte, era pré-humano, pré-histórico, primitivo, não moderno, governável, colonizável, vendável, escravizável, coisa, mercadoria e para-o-trabalho. Não faltaram discursos filosóficos que legitimassem todas essas fabulações.

Empreender uma crítica exige do filósofo, qualquer que seja sua visão de mundo, integrar um processo de abertura de uma problemática que permita operar a economia interna de uma dada racionalidade que exerça poder no tempo presente:

Como bem define Senellart,

O que é o presente ao qual pertencemos? Que acontecimento - por exemplo, o da Revolução e seu desaparecimento - me obriga a pensar? De que modo eu mesmo estou comprometido por esta pertinência, e através de que vias poderia transformá-la? Para Foucault, tais são as questões que definem a atitude crítica. Compreende-se então por que ela não requer nenhuma transcendência do sujeito. Não é a partir de um ponto de vista universal, o da natureza, de uma pura consciência, ou de um fim da história que se opera a crítica de um estado de coisas, mas a partir do próprio interior da racionalidade que o governa, em seus pontos de tensão ou de fragilidade. A crítica, em outros termos, não pressupõe a existência de um sujeito plenamente consciente de si. Ela não é da ordem de um juízo que sobrevoa a realidade histórica do alto de uma posição ideal de verdade. Procede das crises que atravessam a espessura de uma racionalidade, em suas múltiplas dobras. É por isso que ela não pode, do mesmo modo, pretender romper inteiramente com a racionalidade (1995, p. 6).

Neste sentido, é que podemos afirmar seguramente que Mbembe não faz uma simples história do racismo, nem mesmo que o título de sua obra é mera licença filosófica ou bravata. Procurar as condições de possibilidade de uma ideia a partir da análise da constituição recíproca do sujeito e do objeto constituídos por esses discursos, enquanto se evidencia os limites destas racionalidades e suas verdades e, evidenciar as crises que atravessam as múltiplas dobras dos discursos é fazer crítica.

Como ousar colocar Kant e Mbembe em uma mesma linha ou tradição filosófica considerando que a própria visão de Kant sobre a raça e o Negro é fruto e exemplo do discurso jamais criticado e formador de tudo que é moderno, parte não criticada inclusive da própria obra de Kant? Contradição gritante, como disseram alguns já do movimento feito por Foucault de denunciar implacavelmente os efeitos do poder pela

moderna vontade de verdade e de alguma forma retomar essa vontade para fazer uma crítica emancipadora. Isso é possível? Viável? Creio que o resultado fala por si. A contradição está posta, mas, certamente, não é menos gritante que tantas outras contradições que atravessam nossa formação filosófica.

Sim, a atitude crítica de Mbembe interroga mais uma vez o reino luminoso da razão, se não mais com condições transcendentais, agora, como já foi com Foucault, com condições transcendentais-históricas. Empreender a crítica do seu ponto de vista, sendo ele mesmo resultado deste saber-poder e, portanto, efeito do poder, permitiu destacar: qual *acontecimento* nos obriga hoje a pensar? “Quem somos nós? Quem somos nós enquanto *Aufklärer*, enquanto testemunhos desse século das Luzes? E Mbembe, responde. A obra *Crítica da razão negra* oferece não apenas chaves fundamentais para pensar a modernidade, mas volta à sua maneira a convocar a humanidade a se emancipar, põe novamente o problema da verdade na vinculação com a política e convoca a filosofia a cumprir uma de suas tarefas principais: dissipar as ilusões da razão.

Há uma série de debates que problematizam as aproximações e distanciamentos entre a concepção da crítica em Kant com a crítica em Foucault, o próprio Foucault faz isso diversas vezes. Talvez um dos argumentos mais fortes para distinguir as duas concepções (e não as aproximar como fiz aqui) seja justamente lembrar o uso que Kant faz da imagem da crítica como *tribunal da razão*. A imagem de um tribunal que julgaria alguém e suas pretensões com base em legitimidades implica em ter leis senão eternas, pelo menos seguras que sirvam de parâmetro para o julgamento que leva sempre a alguma normatização. Isso contraria de muitas formas o espírito da filosofia de Foucault. No entanto, a *crítica* no sentido estritamente kantiano opera justamente neste registro:

Evidentemente que não é efeito de leviandade, mas do juízo amadurecido da época, que já não se deixa seduzir por um saber aparente; **é um convite à razão para de novo empreender a mais difícil das suas tarefas, a do conhecimento de si mesma e da constituição de um tribunal que lhe assegure as pretensões legítimas e, em contrapartida, possa condenar-lhe todas as presunções infundadas; e tudo isto, não por decisão arbitrária, mas em nome das suas leis eternas e imutáveis.** Esse tribunal outra coisa não é que a própria *Crítica da razão pura* (*KrV* A XII).

No caso da *crítica* empreendida por Mbembe, as querelas acadêmicas em relação às distinções acerca do papel do *tribunal da razão*, se dissolvem. A crítica da razão negra convoca explicitamente uma época para empreender a mais difícil de suas tarefas: colocar a razão para conhecer a si mesma, constituir um tribunal que assegure que seus discursos sejam legítimos e que tenha coragem de condenar (com pena máxima) a todas as suas presunções infundadas e os crimes cometidos por ela ou em seu nome.

Referências

KANT, I. (1993). *Kritik der reinen Vernunft [KrV]*. Hrsg. von Raymund Schmidt. Hamburg: Felix Meiner (Philos. Bibliothek Bd. 37 a). Tradução da edição A de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.

FOUCAULT, Michel. (1994). «Qu'est-ce que les Lumières?», Magazine Littéraire, n° 207, mai 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, Vol. IV.

_____. (1990). Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. *Bulletin de la Société française de philosophie*, Vol. 82, n° 2, pp. 35 - 63, avr/juin.

_____. (2004). *Nascimento da clínica*, Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MBEMBE, Achille. (2013). *Critique de la raison nègre*, Éditions de La Découverte 1, Paris. Tradução *Crítica da razão negra*, Lisboa: Antígona, (2014).

SENELLART, Michel. (1995). A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 7 (1-2): 1-14, outubro.

SANTOS, Leonel. (1989). *As metáforas da razão ou a economia poética do pensar*. Lisboa: Flul.

Ensaio recebido em: 13.05.2020

Ensaio aprovado em: 18.08.2020